O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração Rua de Santa Joana, 35 Comp. e Imp.—IMP. UNIVERSAL-AVEIRO R. Combatentes da G. Guerra—Telef. 125

Director e Proprietário *Arnaldo Ribeiro*

Editor e Administrador Manuel Alves Ribeiro Correspondência dirigida ao Director Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

ANO 41.º — N.º 2081

Sábado, 5 de Fevereiro de 1949

VISADO PELA CENSURA

DESAPAREÇA, SR. NORTON DE MATOS!

Palavras proferidas na sessão da Câmara dos Deputados em 10 de Novembro de 1924:

O culpado da situação da colónia de Angola é o Embaixador de Portugal em Londres que, para vergonha de todos nós, está na mesma cidade onde foram protestadas as letras, como demonstração de descrédito do regimen republicano.

E ainda se procura defender esse criminoso, não se levantando esta Câmara contra os seus crimes e mantendo-o como embaixador junto dum país amigo e aliado!

Foi um crime a sua nomeação e maior crime é mantê-lo num posto que não tem direito de ocupar pelas responsabilidades graves que lhe cabem pela desastrosa administração de Angola. Isto apenas demonstra que a República, sacrificando o nome da Pátria, só pensa salvar os homens que tão mal e criminosamente se desempenham das altas missões que lhe são confiadas.

Sim. Haverá escândalo peor, mais completo, do que consentir que um Alto Comissário ande num escandaloso regabofe, passeando por este mundo e fazendo despesas fabulosas com uma comitiva quase real, quando o país se encontra arruinado e na miséria?

«O Democrata» não renegará nunca o seu passado; mas deante do que viu e do que vê, sem que as suas crenças sofram o mais pequeno abalo, irá com elas à urna, votando pelo sr. Marechal Carmona.

CONTINUA A FARÇA

—o—

Ainda que inconfundívelmente os factos e as provas, dia a dia, venham em nosso auxílio, corroborando quanto aqui temos escrito como protesto contra o descalabro político em que vivemos, a farça continua.

Em oito dias, quatro ministérios! E para cúmulo, os democráticos no Poder, os democráticos a mandar!

Bastará essa condição para antevermos que a política até agora seguida se prolongará indefinidamente com proveito apenas dos apaniguados e da clientela do palanfrório pomposo e fartas baforadas de patriotismo com que se enfeitam as proclamações e os programas do estilo.

Fizeram-se ministros a êsmo, constituindo-se um governo com figuras algumas das quais são uma irrisão, um perfeito sarcasmo.

Mas... temos mais um ministério e nestas palavras se resume tudo quanto no momento presente, de tão profundíssima gravidade, poderíamos dizer à face da situação.

No nosso espírito a mesma dúvida, a mesma tristeza pelo que se observa e dolorosamente atinge o coração dos que à República deram tudo sem nunca lhe pedirem nada.

(De *O Democrata*, em 18 de Março de 1920).

O TEMPO

Não tendo chovido todo o mês de Janeiro principiou Fevereiro na mesma, o que traz bastante preocupada a lavoura e com ela as donas de casa por não haver dinheiro que chegue para a praça.

E que volta?

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

TENHAM VERGONHA!

—o—

Voltaram a repetir-se no seio da *representação nacional* as mesmas cênas de regateirice que já por diferentes vezes tem posto o Parlamento em paralelo com a Praça da Figueira.

Insinuações de toda a ordem, questiúnculas, intrigas, duestos, tudo ali vai parar, gastando-se precioso tempo em debates esteries que não só desonram o regimen como aviltam, deslustram e rebaixam o lugar onde são lançados, incontestavelmente mais digno de respeito do que aqueles que lhe votam os *eleitos do povo* — que irrisão! — do fundo dos seus *fauteilles* ou da tribuna destinada a assuntos de outra categoria. Mas os nossos (?) deputados é que parece não o compreenderem assim. Para o Parlamento vai tudo e de tudo se trata menos do que é preciso, apezar dos esforços de um ou outro que deseja trabalhar—produzir. Triste espectáculo! Péssima administração!

Mas serão efectivamente republicanos esses que assim procedem? Sejam que não sejam um dever a todos se impõe—respeitar dentro do local, que só deve servir para o debate dos problemas variadíssimos que interessam à vida da nação, as prerogativas de que cada um se acha investido.

Ou isso ou rua.

Já que patriotas não mostram ser, **tenham, ao menos, vergonha.**

(De *O Democrata*, em 8 de Maio de 1920).

Uma declaração

Veio nos jornais diários a de que o Directório do antigo P. R. P. desaprovou a candidatura do sr. Norton de Matos à volta de quem muitos elementos se reuniram para fazerem barulho.

Não será uma habilidade?...

Viagem Presidencial

Vai amanhã visitar a cidade do Porto o sr. Marechal Carmona, que fará o trajecto em comboio especial, acompanhado de alguns ministros.

Está-lhe preparada uma grandiosa recepção.

A actuação política de Norton de Matos no país e no ultramar foi uma obra nefasta que desprestigiou a República e comprometeu a nação.

Quem nos quererá envergonhar mais ainda, elevando-o à dignidade de chefe de Estado?

SESSÃO DE PROPAGANDA ELEITORAL

Promovida pela Comissão Distrital da União Nacional efectua-se hoje, pelas 21 horas, no Cine-Teatro Avenida, desta cidade, devendo ser presidida pelo sr. Ministro do Interior e durante a qual usarão da palavra, alem deste membro do Governo, os srs. dr. Albino dos Reis, presidente da Assembleia Nacional, dr. João Assis Pereira de Melo e o eng. agrónomo Albano de Melo, que se propõem expor com toda a clareza as obras que o país deve a Carmona e Salazar.

Que Aveiro e sua região compareçam em peso e se esforcem por compreender os oradores, mensageiros daquela verdade que, por bem esclarecida, não se lhe conhece confrontos.

"O DEMOCRATA"

A administração deste jornal acaba de fechar as contas do ano de 1948 com um *déficit* de 4.795$00, fóra o resto, que não conta, visto a existência dos *trouxas*, como nós, ser cada vez mais reduzida. Concorreu, decerto, para assim acontecer o elevado preço por que adquirimos ultimamente o papel e também o aumento das franquias postais destinadas a tudo que diz respeito aos serviços que o correio nos presta, excepto, como de princípio dissemos, à correspondente a cada exemplar do jornal.

Continua, portanto, a situação dramática que temos apontado e com tendência a agravar-se ainda mais, o que, sendo assim, nos obrigará, após o acto eleitoral, a tomar definitivas deliberações económicas por não estarmos dispostos a ultrapassar os limites do inconcebível. Então seremos, talvez, mais claros, aproveitando por agora o ensejo para agradecer as muitas manifestações de encorajamento recebidas e que serão tomadas em consideração na altura própria.

Recordando

—o—

De um categorizado republicano do distrito de Leiria ao director do orgão do P. R. P.:

Peço o obséquio de no seu conceituado jornal fazer a seguinte declaração: O meu espírito republicano e a minha sinceridade não me consentem que assista, sem protesto, a tanta deslealdade. Com o meu bilhete, bem pago, não quero assistir, embora com o coração angustiado, a este desmanchar de feira em que uma ciganagem, sem brio, joga aos dados os destinos da Patria e da República. Desligo-me do P. R. P. com uma saudade grande do que foi, e, livre de compromissos, darei sempre à Pátria e à República o que me resta para lhe dar—a vida.

Não é uma defecção: é o isentar-me duma conivência.

O Democrata comentou assim: «Indubitavelmente, este é tão nosso que quase não queremos acreditar na sua existência...»

O DEMOCRATA vende-se no Quiosque da Praça Marquês de Pombal.—Aveiro

IMPRENSA

Notícias de Guimarães

Este semanário, defensor dos interesses da cidade onde se publica e tira o nome, entrou no 18.º ano de publicação, sendo dirigido pelo sr. Antonino Dias Pinto de Castro, rodeado de algumas penas de valor.

As nossas felicitações.

O 28 de Maio não foi um movimento político, de partidos contra partidos, mas sim um movimento nacional para restabelecer a ordem no país anarquizado. Por isso estamos com os que puzeram côbro à briga, nos salvaram da derrocada e nos 22 anos subsequentes se comportaram à altura dos que acompanham os seus propósitos, livrando-nos dos maus servidores.

O resto é paisagem, só paisagem e... vontade de comer.

BASTA DE MAIS VERGONHAS!

A frente da chefia da nação não pode ser colocado um representante do célebre «Partido dos Escândalos!»

O que se está passando em Portugal! Ao que haviamos ainda de assistir! Mas temo-nos de conformar porque a vida é assim mesmo para honra e glória do sr. Norton de Matos, do jornal *República* e de quantos deram origem à publicação deste sensacional artigo em 12 de Junho de 1914 nas mesmas colunas que lhe servem de esteio:

«E' um fenómeno curioso este que se observa na política portuguesa, e que é desnecessário comentar, porque a sua simples constatação é eloquente e significativa: de todos os partidos políticos na República, aquele que alberga todos os escândalos e sobre que recaem todas as suspeitas—é o partido democrático.

Podem os outros partidos serem acusados de erros, inabilidades, fraquezas—tudo o que quizerem. Mas o que ninguém, até hoje, pode apontar-lhes, ou se lembrou de fazer, foi qualquer imoralidade, cumplicidade em qualquer vergonha, solidariedade em quaisquer desaforos.

Quem aparece envolvido na questão de Ambaca? O partido democrático, gente do partido democrático.

Quem aparece envolvido na questão do ópio? O partido democrático, gente do partido democrático.

Quem aparece envolvido na questão das prescrições de S. Tomé? O partido democrático, gente do partido democrático.

Quem aparece envolvido na questão de o poder executivo tomar resoluções propositadamente para favorecer certos e determinados indivíduos? O partido democrático, gente do partido democrático.

Quem aparece envolvido na questão de sonegamento de documentos da polícia de Lisboa? O partido democrático, gente do partido democrático.

Quem aparece envolvido na questão de sofismação da venda do prédio Grandela? O partido democrático, gente do partido democrático.

Quem aparece envolvido na escandalosa questão das portas do Rodam? O partido democrático, gente do partido democrático.

Quem aparece em todas as tramoias eleitorais? O partido democrático, gente do partido democrático.

Quem aparece solidarizado, cúmplice de assassinatos, atentados contra a propriedade, insultos públicos, agresssões, violências e desordens? O partido democrático, gente do partido democrático...

Onde houver um escândalo, onde houver uma negociata, onde houver um ponto escuro, onde houver um tumulto, uma arruaça, uma violência—é certo e sabido: há democráticos.

Podem os outros partidos terem muitos defeitos. Mas esse, o da falta de escrúpulos, da pouca limpeza nos seus actos, esse, ninguém lhe encontra, ninguém se atreve a imaginá-lo.

Quando outras diferenças não houvesse, quando outros motivos de distinção não existissem, esse chegava, esse era mais que suficiente para nos separar, para cavar entre nós e eles um abismo que ninguém e nada será capaz de preencher.

Pode ser que a História, ao ter de julgar o actual momento político da nação, pouco nos encontre de notável, nada nos encontre de grandioso. Mas o que certamente não nos encontrará é a teoria das mazelas que caracteriza o partido democrático.

Essa justiça nos fará a História, como no-la fazem presentemente os nossos mais ferozes adversários, a principiar pelos democráticos que, por mais que vasculhem, nada encontram e nada encontrarão.

O partido democrático entrará justamente na História com o nome de **partido dos escândalos,** *e é desfraldando a bandeira dos escândalos que se apresenta nas próximas eleições no sufrágio do País.*

E' modesta a nossa bagagem—modesta, mas limpa. Podem os homens da duana ver e analizar, detalhadamente, minuciosamente, que por mais exigentes que sejam, nada encontrarão digno da sua censura. E' estrondosa, brilhante, espectaculosa a bagagem do partido democrático, tal como no-la anunciou, no Congresso da Figueira, o sr. Afonso Costa. Mas não se deixem deslumbrar pelos fogos de artifício do sr. Afonso Costa os homens da duana. Abram as malas e vejam os falsos que elas têm, e como dentro delas, a par das maravilhas prometidas, se escondem as questões de Ambaca, do ópio, de S. Tomé, de Rodam—toda uma frandulagem imoral, larga zona de operações «louche» que só é possível liquidar nas barras do tribunal...

Nas próximas eleições o país dirá se entre ficar em casa, deixando que triunfe o Partido dos Escândalos e sacrificar a sua comodidade para que esse triunfo não nos envergonhe a todos—qual prefere».

Norton de Matos, elevado nas próximas eleições de Fevereiro a representar Portugal como chefe do Estado, não está certo. Devem entendê-lo assim os que forem chamados a intervir no pleito.

Viva Carmona!

De Ovar a S. Jacinto

Está em curso no vasto areal que margina, a ocidente, a nossa ria, uma estrada a cubos de granito, que muito deve contribuir, de futuro, tanto para o engrandecimento de Aveiro como dos concelhos da Murtosa e Ovar, pertencentes ao distrito. Dizem-nos que os engenheiros que a delinearam tiveram a preocupação de a construir o mais próximo da ria possível, em suaves curvas, isto para que em toda a extensão, que não é pequena, possa ser apreciada pelo turismo, dado o maravilhoso espectáculo oferecido de um extremo ao outro.

Só temos que aplaudir o terem visto dessa maneira o problema, demonstrando com isso especial bom gosto.

Atenção para a 4.ª página

PROGRESSO DE AVEIRO

A INAUGURAÇÃO DO CINE-TEATRO AVENIDA

Constituiu um verdadeiro acontecimento a inauguração do Cine Teatro Avenida que a Emprêsa Cinematográfica Aveirense mandou construir na Avenida Dr. Lourenço Peixinho.

O novo Cine-Teatro é um edifício grandioso que honraria qualquer grande capital e que veio enriquecer o centro da cidade, causando admiração a quantos o visitam.

Os aveirenses podem sentir-se orgulhosos com esta nova casa de espectáculos. E' um verdadeiro palácio, que custou milhares de contos e satisfaz inteiramente a todos os requisitos modernos.

A sala de espectáculos comporta 1400 pessoas que podem distribuir-se pela plateia, 1.º e 2.º balcão e quatro camarotes. E' toda em linhas modernas de avantajado pé direito, luz indirecta, havendo vários salões entre os quais se distingue o salão de festas no 1.º andar, primorosamente decorado, sobresaindo no meio uma escultura de Teixeira Lopes (sobrinho) e um lustre e portão monumental onde se pode admirar a feliz combinação da arte de ferro forjado com motivos cerâmicos das Fábricas Aleluia. E' uma verdadeira novidade na arte decorativa que tem sido muito admirado.

Há vários *bars* e numerosos lustros em cristal de fabrico de Alcobaça. As passadeiras e as carpetes são riquíssimas. O mobiliário estufado inexcedível de comodidade. Na sala de espectáculos, sôbre o proscénio e nas paredes laterais há trabalhos artísticos do distinto escultor ilhavense Euclides Vaz, que na Escola de Belas Artes de Lisboa fez o seu curso com 20 valores. Dentre estas obras de arte sobressai a grande composição superior que simboliza Neptuno, o *deus do mar*, levando no seu carro, sôbre as águas, a cidade de Aveiro, representada pela deusa Venus, de grande beleza plástica. Noutros pontos do edifício há composições do escultor espanhol Ruano.

O projecto do edifício é da autoria do arquitecto de Lisboa, sr. Rodrigues Lima; as fundações que tiveram que profundar no terreno roto perto de 30 metros foram entregues à reconhecida competência do sr. eng. Angelo Ramalheira, que ali empregou um sistema de poços que, cheios de beton, constituiram o suporte da formidável massa do edifício erguido sobre terreno muito ingrato e perigoso.

Tanto pelo arquitecto sr. Rodrigues Lima como pelo sr. engenheiro Angelo Ramalheira, no dizer dos entendidos, foi produzida uma obra que muito honra a técnica nacional de construção civil.

No exterior nota-se uma composição de arquitectura moderna, mas sem nenhum exagero de cimento armado. O estilo é exactamente o que está sendo empregado nas grandes construções modernas de Lisboa. Veem-se varandas de ferro, janelas e aberturas circulares, quebrando a monotonia das grandes paredes numa combinação feliz do gosto actual, com recordações dos estilos nacionais, conforme na solenidade de abertura ouvimos dizer a pessoas competentes. Entre os materiais empregados há granitos e mármores verdadeiros; marmorite, madeiras e forjados ricos, além de muito material plástico e sintético de revestimento, isolamento e decoração. O som foi objecto de um projecto especial, a iluminação a tubos de neon e florescentes de belíssimo efeito.

A impressão do conjunto é, na verdade, grandiosa, causando a admiração de todos até dos menos entendidos em problemas arquitectónicos.

Os nossos parabéns à Emprêsa por tão arrojada obra!

Já publicámos, no último número, os nomes de todos aqueles a quem se deve este grande empreendimento, mas é justo destacar o sr. Augusto Fernandes Bagão, que foi o impulsionador de todo este conjunto. Aveiro, é preciso que se registe, fica a dever-lhe um dos mais importantes melhoramentos de todas as cidades portuguesas.

* * *

No último sábado, em que abriu as portas ao público, a Emprêsa reuniu, de tarde, as entidades oficiais e outros convidados de cá e de fora que depois de percorrerem todas as dependências do magestoso edifício lhes serviu um fino *copo de água*, que deu lugar a manifestações de regosijo pela inauguração do Cine-Teatro. Entre os presentes recorda-nos ver os srs. desembargadores Melo Freitas e Agostinho Fontes; drs. Gorjão Nogueira e Henrique de Carvalho, juizes da comarca; coroneis João Tavares e Castro e Sousa, comandantes de Infantaria 10 e Cavalaria 5; dr. José Tavares, reitor do Liceu; dr. Custódio Patena e Monteiro Correia, do B. N. Ultramarino; Artur Candeias e Manuel Reis Baptista, do Banco de Portugal; Artur Casimiro da Silva, da Caixa Geral de Depósitos; engenheiro agronomo Armando Vilaça, da Brigada Agrícola; capitão Firmino da Silva, da P. S. P., capitão Gumerzindo da Silva, da G. N. R.; João Pereira de Matos, secretário de Finanças; dr. Alberto Souto, general João de Almeida, dr. Francisco Soares, Aristides Tavares Ferreira, Diniz Gomes, dr. Vaz Craveiro, dr. Vítor Gomes, engenheiro Coutinho de Lima, José Taveira e muitas outras pessoas, cujos nomes nos foi impossível colher, incluindo algumas senhoras.

Na devida altura o sr. Augusto Bagão, um dos principais sócios da Emprêsa, disse:

Sr. Governador Civil:

Sr. Presidente da Câmara:

Minhas Senhoras e Senhores:

A Empresa Cinematográfica Aveirense agradece a V. Ex.as a honra da sua presença.

Vieram V. Ex.as abrir o Cine-Teatro Avenida e é desvanecidamente que a Empresa neste momento para ali tão solene, vê transporem as suas portas pessoas tão distintas não só pela importância dos seus cargos e pelas qualidades que representam, mas pelo valor próprio que lhes confere o alto relevo de que gosam na sociedade.

Recebam V. Ex.as, todos, os nossos cumprimentos de saudação e agradecimento.

* * *

Aqui teem V. Ex.as e aqui tem o público de Aveiro um novo edifício e uma nova casa de espectáculos. Que agrade e sirva a cidade é o nosso desejo.

Não farei a descrição nem o elogio da obra, nem, tão pouco, do empreendimento.

Peço, porém, licença para afirmar que pelo facto de ter nascido em Ilhavo e de viver em Lisboa, nunca esqueci que foi nesta cidade que recebi a minha instrução secundária e a minha educação de colégio e que foi aqui, na freguesia da Glória, que escolhi a companheira da minha vida, a progenitura dos meus filhos e o centro efectivo da minha família.

Ilhavo e seus arredores, a Costa Nova, a Barra, S. Jacinto, a Ria, Aveiro e seus arrabaldes, a capital do nosso distrito na sua projecção representativa de toda a nossa região sobre o resto do país, foram sempre para mim, no seu admirável conjunto, *a minha terra*.

Esta ideia, a ideia da nossa terra, sugeriu-me o pensamento de criar, aqui em Aveiro, uma obra que correspondesse ao grande desenvolvimento que a cidade tem tomado nos últimos trinta anos.

Pensei num teatro porque nesse momento a cidade estava mal servida, sendo objecto de muitíssimos reparos de todos os visitantes e de desconforto para todos os aveirenses.

Mas, para satisfazer o encargo era grande de mais para mim só e por isso tive de recorrer a alguns amigos a quem chamei para me ajudarem. Os amigos e sócios vieram e alguns, bem lhes seja, de bem longe da terra e estranhos aos interesses materiais e morais da cidade.

Organizou-se uma Emprêsa, nos vulgares moldes comerciais de sociedade por cotas, e essa Emprêsa, ao cabo de alguns anos de trabalho e dispendios, apresenta-voshoje esta casa.

Aos meus sócios, que com tanta confiança e amizade me acompanharam nesta grande aventura, aqui agradeço a sua solidariedade e o seu precioso concurso.

* * *

Não quero fazer valer o empreendimento expondo a todas as dificuldades que foi preciso vencer. Seria indelicadeza convidar V. Ex.as para lhes ler o elogio do nosso esfôrço ou pintar todo o quadro de aborrecimentos que uma grande construção, como esta, dá sempre a quem lhe mete os ombros.

Se o edifício satisfizer o fim para que se destina, se agradar aos olhos de V. Ex.as e do público que o vai frequentar, se se enquadrar bem na estética geral desta grande avenida sobre a qual tem a sua frente, se servir a cidade do futuro que todos nós esperamos venha a surgir desta Aveiro, em desenvolvimento e progresso, nós, os da Empresa, teremos nisso o melhor prémio da nossa iniciativa.

Mas os louvores da realização material da obra cabem ao sr. arquitecto Rodrigues de Lima e ao sr. engenheiro Angelo Ramalheira porque, penso eu e pensa a Emprêsa, deram neste edifício mais uma prova do seu alto valimento como tecnicos consagrados e artistas de mérito invulgar.

Não podemos, também, esquecer os nossos operários, encarregados, fornecedores, decoradores e, enfim, todos os nossos colaboradores.

Para todos vão nesta hora os melhores elogios da Empresa Cinematográfica Aveirense.

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Creio que uma casa deste género —Teatro e Cinema—casa de espectáculos, de grandes reuniões e diversões, é hoje, em toda a parte, um índice de civilização e de cultura numa cidade moderna.

Que o Cine-Teatro Avenida sirva a cultura geral do público frequentador; que corresponda à ansia natural e sã dos espectaculos que lhe são próprios; que promova e suscite a honesta e digna alegria que pode e deve acompanhar o ingrato labor de todos os que lutam diàriamente pela vida e que honre e engrandeça Aveiro, são, os nossos desejos!

Fica por V. Ex.as aberto ao público o Cine-Teatro Avenida.

Falaram ainda os srs. desembargador Melo Freitas, dr. Vaz Craveiro, de Ilhavo, e os representantes da Câmara, do Turismo e do chefe do distrito que se referiram ao importante melhoramento com que Aveiro foi dotada contribuindo para o seu engrandecimento.

O Democrata, associando-se ao jubilo da cidade, louva a iniciativa do sr. Augusto Bagão e dos seus cooperadores, que o mesmo é dizer da Empresa que mandou construir o grande edifício na principal artéria —a Avenida Dr Lourenço Peixinho— e deseja-lhe as maiores prosperidades.

A revolta do Porto

O Democrata em homenagem aos vencidos da revolução de 31 de Janeiro de 1891, em que a República teve o seu primeiro baptismo de sangue nas ruas do Porto, retirou do mealheiro dos pobres a quantia de 300$00 com que contemplou os seguintes necessitados:

Antònio Ferreira, R. da Corredoura; Margarida Raposo, idem; Angelina Marques de Oliveira, R. das Olarias; Maria Augusta de Sousa, R. de Santo Antònio; Drozilda Henriques, idem; Prazeres Manata, idem; Margarida de Matos, R. da Sé; Adelaide Vilaça, R. de S. Martinho; Benedita do Carmo, idem; Maria Arroja, R. 16 de Maio; Ernestina Chichaia, R. de Sá; Luísa Chichaia, idem; Maria Cordeiro, idem; Isabel da Conceição e Silva, L. Luís de Camões; Carolina Pádua, R. do Vento; Ovídio Tavares Fitorra, idem; Maria Rosa Sá Oliveira, R. da Fonte Nova; Adélia da Costa e Silva, R. Eça de Queiroz; Conceição Taínha, R. da Granja; Ilda Aurora Ramos, R. Direita e quatro envergonhados a 10$00 cada um; e Maria Clara Reca, Estrada da Barra e duas envergonhadas, a 20$00.

A quantos se não esquecem dos desprotegidos da sorte aqui fica exarado mais uma vez o nosso reconhecimento.

A propósito da matança grande de Espinho

O sr. dr. Sousa Costa escreveu outro artigo, que fez inserir no *Primeiro de Janeiro*, do Porto, e que nós vamos, também, transcrever, com a devida vénia, louvando a sua atitude perante o que se está praticando no país e de que Aveiro—esta linda cidade dos canais e das marinhas de sal—igualmente sofre, não ficando isenta do mal, como se verifica. Pode, contudo, não haver mais ninguem a protestar; mas o *Democrata* aqui se encontra a aplicar as palavras do sr. dr. Sousa Costa à obra que aí se há realizado e continua com o mais absoluto desprezo pelas nossas prerogativas.

Segue o artigo do sr. dr. Sousa Costa:

Antes de mais nada, uma explicação: foi com mágoa, sincera mágoa, que lavrei o meu protesto, neste lugar, contra um acto relacionado com a vida urbana de Espinho. Habituei-me de tal forma a apontar e louvar os belos empreendimentos urbanísticos da Praia-Cidade, que parecia um desmentido às minhas anteriores homenagens o protesto aqui lançado, na hora da matança grande das árvores municipais da formosa donatária de tantos e tão relevantes bens de raiz.

Mas, que era legítimo e oportuno o clamor de pranto e de revolta, vieram afirmar-me dois factos expressivos. Primeiro: o do Senado Municipal, que muito se tem esforçado pelos bens dotais de sua dama, haver sobrestado em parte na cega generalização da chacina; segundo: a vibração indignada de numerosas cartas individuais, de várias mensagens colectivas, clero, nobreza e povo de Espinho e arredores, sem distinção de credos religiosos e políticos, sancionando a legitimidade e a oportunidade do protesto—cartas e mensagens, plebiscito espontâneo e elucidativo, que muito agradeço.

Estas cartas, estas mensagens, este plebiscito indirecto, isento da peçonha das paixões sectárias, trouxeram-me ao espírito duas certezas de conteúdo marcadamente dignificador. Revelaram-me que os munícipes são mais do que confusa e inerte massa gregária na *sandwich* do conjunto citadino. São realmente pessoas na consciência activa dos seus direitos e obrigações, entre os seus direitos assinalado o de compartes no acervo do património municipal—que não é dum clan, que é de todos os cidadãos.

E revelaram-me, além disso, que nem todos os portugueses comungam no cego e absurdo fetichismo nacional da «Acácia Rubinea» como elemento decorativo de cidades, vilas e aldeias.

Os copiosos cidadãos de Espinho que manifestaram a sua concordância com o meu parecer, simultâneamente se declararam contrários ao «mesmismo acaciano» que há muito grassa em Portugal, estendendo-se desde Melgaço a Sagres.

Ao referir-me a Melgaço vem-me do coração a voz proficiente do Dr. Mark Athias, de veneranda memória. O Mestre de Medicina cujo saber ecoava por Escolas e Academias de meio Mundo—estava na estância do Peso, a juzante de Melgaço, de que o Mestre insigne, na época balnear, era Director Clínico. O machado executivo abatera, nos domínios da estância, centenas de árvores da boa presença e boas obras, a benefício das gorduras manas perliquitetes da família árberea. E o clínico ilustre, comentava:

—Tiraram-nos as que nos davam sombra e conforto. Substituiram-nas por estas...que não dão coisa nenhuma—a não ser um pó argênteo, origem de choques anafilácticos e doenças de pele de Norte a Sul do País...

Não há cordão sanitário, porém, capaz de nos defender da malina acaciana. O português é assim. O mais imitativo dos seres da criação. Tudo o que vê nos outros—se não exigir esforço de realização ou de aplicação—cobiça-o para si. O vizinho abre pastelaria ao público, ou padaria sem cortinados? Daí a um mês a rua está em assembleia geral de pastelarias, ou padarias...com cortinados. E dentro de dois meses, morrem todas, na falência, por serem mais do que os consumidores. Por isso mesmo: se um português, em Menção, derrubou um olmo gigantesco, e em vez dele pôs na praça um basculho de giesta, toda a comunidade vai atrás do inovador, com os amens da liturgia e a entronização do basculho—o qual basculho, além do espírito de imitação, lhe lisonjeia os sentimentos atávicos do lugar comum e do ódio mourisco a quanto lhe tire a vista da casa do compadre ou do que se passa na botica. E tão poderosamente, e tão cegamente actua sobre ele o impulso imoderado, que o leva a transportar para Africa, com o seu Sol permanente de fogo vivo, as raquíticas anãs dos jardins de bonecas!

Valha-nos o Senhor! Não é má vontade o que me traz ao pretório em pleito contra as pretenciosas rubíneas. E o sentido da sua inutilidade. É o espectáculo do seu grotesco. Reparem, e façam favor: no Verão, na hora em que o Sol nos rechina, nem um menino de leite consegue proteger da canícula. No entanto, rebolam-se nos passeios, gordas e ridículas como perus«encachanados». Agora, neste tempo, despidas as túnicas do veraneio—as podadas à bruta, são aleijadinhas de romaria, a mostrarem os tocos à caridade do bemfeitor. As que lograram fugir ao bárbaro cutelo do magarefe administrativo, erguem para o ar, em louvor a Deus, os pés de galinha—secos, mirrados, contorcidos, nem tronco nem braços capazes de oferecerem o palmo de madeira que basta para o esquife dum anjinho.

É isto. E foi a benefício da inútil e pretensiosa—e nociva!—couve tronchuda que se desterraram de praças e jardins as espécies tradicionais da flora lusíada—acreditadas, apreciadas em países, em climas, França, Inglaterra, Alemanha, sem as soalheiras escaldantes dos nossos dias de calor.

E é em homenagem à bitola hortícula das negregadas e rechonchudas anãs, que se praticam por aí fora contra-sensos deste quilate! Em Viseu, por exemplo, cidade a que não me refiro, nos dias de hoje, em que o meu sangue é sangue das suas veias, sem abrir o coração num sorriso; em Viseu existe uma praça pública, o «Campo da Feira», tão vasta que nela se poderia ferir uma nova batalha de Aljubarrota. Nesse campo em que há copiosos e venerandos plátanos, onde se venera o monumento a Viriato—monumento oferecido á cidade, berço da sua linda e sedutora Mercedes pelo grande estatuário Mariano Benliure—o Marianito que ouvi saudar, nestes termos, por grandes e pequenos de Madrid: o Benlliure do monumento dramático a «Joselito», que todos nós admiramos em Sevilha. O Campo é tão vasto que reduz o monumento de «Viriato»... a minúsculo pesa-papéis de mesa de escritório. Pois, apesar disso, apesar das enormes dimensões do logradouro, e de se realizar ali, na fôrça do calor, a feira franca de S. Mateus, das mais concorridas das sete províncias, e de não ter nas extremas prèdio que se sinta afrontado pelas árvores, ou olhos a que elas tirem de vista, o machado cruento da terra de Grã-Vasco, foi-se a elas e cortou-lhes a cabeça, e chapotou-lhes os braços, e transformou-as de veneráveis—em miseráveis. A formosa obra do Criador, transfigurada em obra aflitiva de magarefe!

Em Itália, berço da Arte e do Bom Gosto, há anos,—muitos anos—não nos nossos dias, de tantas luzes!—certo Município, em cidade vizinha de Roma, abateu imponente fila de ciprestes a favor de árvores menores.

O Governo italiano, ciente do facto, demitiu os senadores municipais, réus do crime nefando. E colocou no melhor de alto prédio, na rua do atentado, uma placa negra, com o nome dos vereadores e o atestado de **vândalos indesejáveis**.

Aos anunciantes de "O Democrata,,

A quem tiver de anunciar nas colunas deste jornal roga-se a fineza de enviar à Redacção os respectivos originais, o mais tardar até ao meio dia de quinta feira, a-fim-de evitar atrazos na sua confecção, visto ter horas certas de entrar na máquina e de ser enviado, depois de impresso para o correio.

Atenção, pois, srs. anunciantes.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, as meninas Maria Celeste de Oliveira Salgueiro e Alcina Gomes Vieira, filhas, respectivamente, dos srs. Egas da Silva Salgueiro e Ernesto Vieira, e o sr. Marcelino Gonzalez Peña; no dia 7, os srs. Hermenigildo Meireles e Joaquim da Paula Graça, empregado no Banco Pinto & Sotto Mayor, do Porto; em 8, a menina Maria Manuela de Pinho Cabrita, interessante filha do sr. Artur Cabrita, funcionário da Direcção de Estradas; em 10, o sr. Jacinto José Gonçalves e em 11, a sr.ª D. Júlia Marques Mendes, a esposa do professor de Ilhavo sr. Manuel Nunes Ramos e os srs. dr. Manuel Rodrigues da Cruz e António Simões Cruz, sócio dos Armazéns de Aveiro, L.ª.

—Também hoje completa 3 risonhas primaveras a galante Maria Gabriela, dilecta filha da sr.ª D. Maria Ofélia Queiroz Santos e de seu marido o sr. Germano Vandrel Santos, residentes no Porto.

Parabens.

Casamentos

Na Gafanha da Encarnação con sorciou-se, há dias, a menina Maria Augusta Ferreira Félix, filha do nosso velho amigo João Ferreira Félix, comerciante naquela freguesia, com o sr. Jacinto de Jesus Esguetrão, dali natural.

Assistiram diversos convidados, sendo servido, após a cerimónia, um lauto jantar em casa dos pais da noiva, durante o qual houve brindes pelas felicidades dos nubentes.

Partidas e Chegadas

Estiveram nesta cidade os srs. dr. Alberto Ruela e Celestino Neto, residentes no Porto; capitão Cosme de Lemos, de Alquerubim; Jaime M. Lima, aspirante de Finanças em Monção e esposa, e Artur Amador, de Eixo.

Doentes

Tendo adoecido subitamente o sr. capitão Casimiro Marques, experimentou esta semana algumas melhoras o que sinceramente estimamos.

—Também esteve bastante doente, mas vai a melhorar, o sr. José António de Macedo Vasconcelos, antigo funcionário da Direcção de Finanças.

—E' animador o estado do sr. Amadeu Rodrigues da Paula, a quem uma pertinaz enfermidade acabrunhou bastante.

Desejamos a todos completo restabelecimento.

Um centenário

E' amanhã comemorado pelas duas corporações de bombeiros desta cidade o do nascimento de Guilherme Gomes Fernandes, que constará de alvorada, às 8 horas, pela companhia que usa o seu nome, missa na igreja de S. Gonçalo, às 9 e inauguração da nova *Escola João Fartura* às 11 e meia, na séde da Companhia G. G. F. com escalada de continência pelo seu corpo activo.

Associamo-nos à homenagem.

Horário dos combóios

Partidas para o norte	Partidas para o sul
5,27 (correio)	0,24 (correio)
5,55 (tram.)	7,43 (tram.)
6,54 (mixto)	9,19 (rápido) [1]
8,05 (tram.)	11,13 (tram.)
12,56 (rápido)	12,18 (correio)
13,06 (tram.)	15,41 (tram.)
17,24 (tram.)	19,28 (rápido)
19,25 (correio)	21,50 (mixto)
20,39 (tram.)	Do Porto chegam tram. ás 19,03 e 21,07 que não seguem.
22,59 (rápido) [1]	

(1) Só se efectuam ás terças, quinta-feiras e sábados.

Linha do Vale do Vouga

PARTIDAS	CHEGADAS
7,55	7,31
15,15	10,48
17,38	19,12
20	23

Carteira

Perdeu-se na noite de 24 de Janeiro nas imediações de Cine-Teatro. Pede-se a quem a achou o favor de a entregar nesta Redacção ou na Casa Testa & Amadores.

MARIA DA LUZ MOREIRA

Agradecimento

Sua família agradece a todas as pessoas que na doença se interessaram pelo seu estado e após o desenlace manifestaram o seu pesar.

Por esta forma manifesta a sua gratidão.

Aveiro, 1-Fevereiro-949.

NECROLOGIA

Ceifada por uma gráve enfermidadade expirou, na noite de segunda--feira, a menina Severina do Amaral Campos, aplicada aluna do nosso Liceu e filha do sr. Armando Pereira Campos.

Contava 15 anos, apenas, tendo-se realizado o enterro para o cemitério central.

* * *

Em Lisboa deixou de existir o sr. coronel Teodorico Ferreira dos Santos, que aqui comandou Cavalaria 5.

Era solteiro e tinha 64 anos.

* * *

Também na capital se finou a semana passada a sr.ª D. Stela das Neves Barbas, que nesta cidade residiu quando seu marido, o sr. dr. Alexandre Barbas, foi professor do nosso Liceu.

Contava pouco mais de 50 anos, deixando um filho, o sr. dr. Orbílio Barbas, há pouco formado em Direito.

Ás famílias enlutadas as nossas condolências.

Pode-se impedir a gripe

Em tempo de gripe é difícil, praticamente, não ficar exposto à contaminação.

Bem sabemos, é verdade, que, por exemplo, um vestido húmido, uma corrente de ar, um excesso de cansaço ou de sub-alimentação, podem tornar nos mais receptivos à doença e que, portanto, devemos fazer tudo o que esteja ao alcance para evitar tais motivos de contrair a moléstia.

Também sabemos—e isso é o fruto de muitas pesquisas—que *a ingestão de pequenas quantidades de quinina*, se êsse medicamento fôr tomado com regularidade, confere uma verdadeira protecção contra a gripe.

De resto, se acontecer que, apesar da intervenção da quinina, a gripe apareça em alguns casos raríssimos, notar-se-á que então a gravidade da moléstia se achará sensivelmente atenuada.

Notar-se-á também esta particularidade interessante que, desde 1899, durante a grande epidemia de gripe que então se chamava influenza, se recorreu com exito à quinina para curar os acessos incipientes de gripe.

Nas épocas em que a gripe grassa, o professor Berger aconselha o uso de um tratamento preventivo logo que os jornais começam a apontar a gripe lá fora (tanto nas terras visinhas como nos paises ao longe) e continuar até que já não se indiquem mais casos.

As pessoas particularmente prudentes achar-se-ão bem se tomarem quinina todos os dias, na dose de 20 a 30 centigramas, desde Dezembro até fins de Março seguinte.

Será bom que toda a gente esteja ao par desse novo método de projecção contra a gripe, o que não nos impede, naturalmente, de desejar que esses conhecimentos não venham a ser precisos ainda durante muito tempo.

Correspondências

Esgueira, 1

Os *Briosos do Canal de S. Roque*, que, na noite de sábado, deram uma récita na Casa do Povo fizeram sucesso, devido à maneira como representaram.

Duma maneira geral todo o elenco agradou, pois os seus componentes mostraram habilidade, desempenhando os papeis de forma a receberem da numerosa assistência fartos aplausos. E' justo, no entanto, destacarem-se dois elementos que no acto de variedades tanto se evidenciaram: Virgínia Calisto, que, pisando o palco num *à vontade* que encanta, prendeu as atenções do público no Fado da Nau, da revista *Molho de Escabeche* e em várias canções, e Humberto Leal que igualmente mostrou qualidades cénicas.

Enfim: de amadores e quase todos principiantes, não se pode exigir mais, motivo por que o espectaculo a todos satisfez, estando, por isso, de parabéns os *Briosos*, que não deixaram os seus créditos por mãos alheias.

C.

«O Democrata»

ASSINATURAS

(Pagamento adiantado)

Portugal (Ano) .	30$00
Semestre . . .	15$00
Colónias (Ano) .	30$00
Estrangeiro (Ano)	40$00
Número avulso .	$60

ANÚNCIOS

Mais duma publicação, contrato especial.